

VALE A PENA CONHECER...

Inauguramos esta nova seção da Revista Meta: Avaliação, com o registro dos textos base das apresentações feitas por ocasião do Seminário **Os 50 anos da Pós-Graduação no Brasil**, realizado em 16 de dezembro de 2016, em comemoração à aprovação do Parecer no 977, de 1965, marco conceitual e regulatório da Pós-Graduação brasileira.

O Seminário foi promovido pelo Professor Carlos Alberto Serpa de Oliveira, Presidente da Fundação Cesgranrio e da Academia Brasileira de Educação. Ocorreu em 16 de dezembro de 2015, nas dependências do Curso de Mestrado Profissional em Avaliação¹, no Rio de Janeiro. Contou, na Comissão Organizadora, com a participação das Professoras Maria Judith Sucupira da Costa Lins e Ligia Gomes Elliot, de Nilma Gonçalves Cavalcante, Secretária do Mestrado e egressa do Curso, Valmir Marques de Paiva, Mestrando do Curso, além do apoio da Fundação Cesgranrio.

A importância histórica do distinto Relator do Parecer no 977, Professor Newton Buarque Sucupira, seu proeminente papel na Educação do país como pensador, político e ainda articulador da Pós-Graduação, entre outros relevantes cargos desempenhados ao longo de sua vida, e também a sua estreita relação com a criação da Fundação Cesgranrio, vão ser destacados nas apresentações daqueles que tiveram o privilégio de serem seus colegas de trabalho, alunos, orientandos e seguidores.

O Seminário **Os 50 anos da Pós-Graduação no Brasil** reuniu, na primeira Mesa, a fala de Heitor Gurgulino, Arnaldo Niskier, Terezinha Tourinho Saraiva e Fátima Cunha Ferreira Pinto, todos Membros da Academia Brasileira de Educação, pessoas que conheceram e trabalharam com o Professor Sucupira e trataram, no Seminário, de aspectos de sua atuação como articulador político da Pós-Graduação, entre outros.

Da segunda Mesa, participaram Sonia Martins de Almeida Nogueira e Ligia Gomes Elliot, ambas Professoras aposentadas da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a primeira, orientanda do Professor Sucupira e responsável pela implantação da Universidade Estadual do Norte Fluminense e de sua Pós-Graduação, e a segunda, Diretora Adjunta de Ensino de Pós-Graduação em Educação da UFRJ, quando conviveu academicamente com o homenageado e Coordenadora do Mestrado Profissional em Avaliação da Cesgranrio.

Compuseram a terceira Mesa doutores que foram orientados pelo Professor Sucupira: Lucia Regina Goulart Vilarinho, também da Faculdade de Educação da UFRJ e agora docente do Mestrado Profissional da Cesgranrio, Nilda Teves Ferreira, atualmente membro da Academia Brasileira de Educação, trazendo um testemunho de admiração pelo trabalho do Professor Sucupira. João Eduardo Bastos Malheiro de Oliveira, Doutor pela UFRJ, também pode privar da convivência especial com o Professor Sucupira e prestar seu depoimento.

A mesa que encerrou o Seminário contou com o depoimento de Maria Judith Sucupira da Costa Lins, que, por sua proximidade biológica, emocional e acadêmica com o ilustre homenageado, depositou em sua fala todo o sentimento que tinha direito.

Como Editora da Revista Meta: Avaliação, tenho a satisfação de poder trazer, aos leitores interessados no diversificado campo da avaliação, uma oportunidade de conhecer um pouco das origens e do criador da Pós-Graduação no Brasil, podendo ajuizar, no crescimento dos cursos, as possibilidades de contribuição ao desenvolvimento das instituições de ensino superior, das profissões e da sociedade em geral. Esse é o legado que nos deixa o Professor Newton Sucupira.

Ligia Gomes Elliot
Editora

¹ O Curso de Mestrado Profissional em Avaliação, da Fundação Cesgranrio, é responsável pela edição da Revista Meta: Avaliação.

SEMINÁRIO

OS 50 ANOS DA PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL



Conselheiro de Educação Newton Sucupira

Professor Newton Lins Buarque Sucupira,

Ilustre Professor, Conselheiro, Educador, Bom Pai de família, Homem de Princípios

Prof. Dr. Heitor Gurgulino

Como e quando o conheci

Eu o conheci pessoalmente no MEC em Brasília, quando fui nomeado Reitor da UFSCar – Universidade Federal de São Carlos (Setembro de 1970). Antes somente o conhecia de renome, como autor do Parecer CFE n. 977/65 – “Definição dos Cursos de Pós-Graduação”. Neste mês faz 50 anos que o mesmo foi aprovado. O Professor Sucupira também era reconhecido como um dos autores da Reforma Universitária de 1968.

Fui seu colega, dois anos depois no CFE (1972-1986)

Fui seu sucessor no DAU-MEC (1972-1974)

Muito já foi dito e escrito sobre o Prof. Sucupira e hoje serão acrescentadas novas informações.

Desejo pois, destacar apenas três momentos muito especiais:

a) Encontro no MEC, em Brasília, combinado com o Ministro Jarbas Passarinho, antes de minha posse no DAU: herança que receberia e desafios do Ensino Superior.

b) A UFSCar fora do orçamento da União em 1971. Primeiro um encontro com o Ministro Passarinho e o Deputado Federal Dr. Ernesto Pereira Lopes, no Gabinete do Ministro. Logo depois um encontro com o Prof. Sucupira, no DAU, que me encaminhou ao Prof. Carlos Alberto Serpa, na PUC do Rio de Janeiro, a quem visitei logo após. (Eu e a UFSCar tivemos o firme e decidido apoio do mesmo – e daí nasceu minha profunda amizade, de 45 anos já com esse grande educador, Presidente da Fundação Cesgranrio e Presidente da Academia Brasileira de Educação)

c) Discussão e aprovação pelo CFE do excelente Relatório do Prof. Sucupira sobre a criação de uma Universidade Aberta no Brasil (seguindo o modelo da “Open University” da Inglaterra). O relatório, que foi resultado de viagem especial do Prof. Sucupira aquele país, infelizmente, não foi implementado pelo Governo Brasileiro e somente muitos anos mais tarde, tivemos a criação da Universidade Aberta do Brasil, pelo MEC, que através da Capes vem formando e aperfeiçoando professores de todo o Brasil.

Comentários feitos pelo Prof. Heitor Gurgulino de Souza, atual Presidente da World Academy of Arts and Science (WASS) e do World University Consortium (WUC); Ex-Reitor da Universidade das Nações Unidas (UNU), no Japão e Ex-Reitor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Membro da Academia Brasileira de Educação.

Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 2015.

Seminário Newton Sucupira

Prof. Dr. Arnaldo Niskier

Talvez tenha sido um dos homens mais cultos do Brasil. Nascido em 1920, em Porto Calvo, Alagoas, Sucupira formou-se Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Recife (1942), e Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (1947). Em 1961, indicado por Anísio Teixeira, integrou o primeiro grupo de intelectuais a compor o Conselho Federal de Educação (CFE), atualmente Conselho Nacional de Educação (CNE).

Newton Sucupira presidiu o grupo de trabalho que elaborou a Lei da Reforma Universitária no Brasil, em 1968. Após 16 anos atuando no Conselho (três mandatos), ficou conhecido como patrono da regulamentação da pós-graduação brasileira.

Com sólidos conhecimentos filosóficos e pedagógicos, o professor Newton Sucupira prestou relevantes serviços ao país, sobretudo com os seus admiráveis pareceres no histórico e então prestigiado Conselho Federal de Educação. Rivalizava com o professor Valnir Chagas e, com isso, ganhava a educação brasileira, nos anos de 60 e 70.

Considerado o patrono da pós-graduação no país, morreu aos 86 anos no Rio. Em 1966, um parecer do Conselho Federal de Educação organizou o sistema de pós-graduação, dividindo-o em duas categorias – *stricto sensu*, que visa prioritariamente à formação do pesquisador, e *lato sensu*, dirigido à especialização profissional – e estabelecendo as categorias de mestrado e de doutorado, sem que a primeira seja obrigatoriamente um requisito para a segunda. O marco legal, que propiciou o crescimento ordenado da pós-graduação brasileira, ficou conhecido como Parecer Sucupira, alusão a seu relator. Newton Sucupira atuou até 1990 como professor da Fundação Getúlio Vargas e da UFRJ.

Até hoje, o clássico Parecer Sucupira sobre a pós-graduação faz sentido e serve de referência, num setor em que, infelizmente, demos mostras da nossa competência. A escolha do nome é uma justa homenagem ao professor Newton Sucupira, autor do nome é uma justa homenagem ao professor Newton Sucupira, autor do Parecer nº 977 de 1965. O documento conceituou, formatou e institucionalizou a pós-graduação brasileira nos moldes como é até os dias de hoje.

A ele devemos todos esses fundamentos, enriquecidos pela facilidade com o que mestre dominava o idioma alemão, conhecendo os seus grandes atores.

Era uma felicidade com ele conviver. Aprendia-se sempre, como ultimamente ocorria nas reuniões da Academia Brasileira de Educação. Mas, antes, tivemos o prazer de conhecê-lo nas lides do Ministério da Educação, quando dirigia o Departamento de Relações Internacionais. Nessa condição, o professor Newton Sucupira, então coordenador de assuntos internacionais do MEC, esteve na Inglaterra, no início da década de 70, para saber pormenores da então criada Open University (Universidade Aberta), a convite do ministro Jarbas Passarinho.

Quando voltou de Londres, no mesmo dia, honrou-nos com um telefonema, afirmando que o ministro desejava criar um grupo de trabalho (o primeiro da história da educação à distância em nosso país) – e que gostaria de contar com a nossa colaboração, o que de fato aconteceu. Foi o princípio da Universidade Aberta do Brasil.

Tendo participado das 12 reuniões então havidas, posso afirmar que, em termos oficiais, foi o embrião de tudo o que depois desabrochou como Lei 9394/96 (LDB), em que nada menos de nove artigos explicitam o que se deseja em termos de aplicação da educação à distância em nossos sistemas de ensino.

A Comissão de Especialistas do MEC deparou-se com uma forte reação da comunidade pedagógica, temerosa de que se pudesse estar armando um imenso esquema de facilitário, com o uso dessa metodologia. Lembro que, numa visita feita ao campus Milton Keynes, em Londres, perguntei ao seu diretor se a Inglaterra não havia enfrentado problema semelhante. Curiosamente, ele disse sim. Mas que a solução para a Universidade aberta chancelada pela rainha Elizabeth II fora extremamente simples:

“Contratamos os 500 melhores professores universitários da Grã-Bretanha. A eles entregamos não apenas a elaboração dos módulos (units) distribuídos pelo Correio, mas também o controle de toda a avaliação do processo, a fim de que não se corresse qualquer risco em termos de qualidade. O resultado não poderia ter sido mais auspicioso”.

Hoje, a Open University serve de modelo, com o seu esquema interativo, utilizando a BBC, já estando com mais de 200 mil alunos. É uma realidade incontestável – e já não mais se questiona o problema da qualidade, pois ela está definitivamente assegurada.

Em outra ocasião, a convite do MEC, pesquisamos na UERJ sobre o ensino por correspondência. O professor Sucupira foi o nosso grande guia, com a firmeza das suas convicções, bem próprias, como afirmou Paulo Elpídio Menezes Neto, do sobrenome que significa “árvore nordestina de galhos fortes, rijos e ásperos”.

Ao desenvolver o conceito de educação permanente, como na época prévia a Unesco, mostrou que a ideia em si mesma não era nova: “Foi preconizada por Platão. Em nível filosófico, a própria ideia de educação enquanto forma de atividade, qualidade inerente ao ser do homem, nos conduz à noção de sua permanência. Justamente porque o homem não constitui jamais um ser completo, mas o conjunto estrutural de possibilidades de atualização contínua, é educável ao longo da sua vida, necessita educar-se, renovar-se incessantemente”.

O pai da pós-graduação brasileira escreveu o livro Tobias Barreto e Filosofia Alemã, pelo qual recebeu o Prêmio da Academia Brasileira de Letras de Ensaio Público.

Em 2004 publicou o livro Engenho Bangüê, recebendo o título de Professor Emérito da Universidade Gama Filho.

E 2006, foi homenageado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (Capes/MEC) com o Prêmio Anísio Teixeira, em reconhecimento ao trabalho para o desenvolvimento da educação superior no Brasil. Como professor, Sucupira atuou em instituições como Fundação Getúlio Vargas e Universidade Federal do Rio de Janeiro, da qual, após sua aposentadoria, em 1990, tornou-se professor emérito. O término do mandato do Conselheiro Newton Lins Buarque Sucupira foi marcado para uma sessão de homenagem ao conselheiro que havia servido como brilhantismo durante três lustros. Ativo até o final de sua vida, o conselheiro Newton Sucupira terminou o livro que escrevia sobre a história da UFRJ. Quatro dias depois, morreu em casa ao sofrer um infarto. Sendo viúvo de Odette Silveira Sucupira, com quem se casou em 1946, teve nove filhos, 31 netos e cinco bisnetos.

Sucupira foi um grande pensador, afirmando a capacidade do homem de se superar em toda a idade e em todas as situações. “A socialização dos jovens não é mais um processo fechado e acabado. A Educação Permanente deve ser o meio de integração do homem consigo mesmo e do homem com o seu ambiente. ”

Daí ser perfeitamente compreensível que amigos e familiares tenham saudade de Newton Sucupira. A sua filha Maria Judith, também educadora, resumiu numa frase a dignidade com que enfrentou as agruras do mundo. “Ele viveu sempre para os outros, por isso foi tão amado.”

Homenagem ao Educador Newton Sucupira

Prof^a. Terezinha Saraiva

Neste Seminário sobre “Os 50 anos da Pós-Graduação no Brasil”, promovido pelo Programa de Pós-Graduação da Fundação Cesgranrio homenageia-se a figura do Professor Newton Sucupira, como articulador político da Pós-Graduação. Prevendo que alguns pronunciamentos dos que integram a Mesa 1 iriam enfatizar a enorme contribuição do nosso homenageado para a educação brasileira, como professor emérito de grandes Universidades; como Diretor do Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação, na década de 70; como eminente integrante do Conselho Federal de Educação, onde permaneceu por quase duas décadas, e onde deixou, como legado, incontáveis pareceres doutrinários, onde se destaca, sobremaneira, o que criou a pós-graduação, no Brasil; como autor de importantes livros; como representante do Brasil, várias vezes, nas Reuniões Internacionais da UNESCO, proferindo magníficas conferências sobre a educação brasileira; como filósofo; como uma das inteligências mais brilhantes de nossos tempos, além de ser portador de uma cultura invulgar, decidi que relembriaria o eminente acadêmico sob um outro aspecto – o ser humano, o marido e pai extremoso, o Newton – meu amigo de muitos anos, que deixou, ao partir, um espaço vazio e insubstituível no meu círculo de amigos queridos.

Já o conhecia de nome e por sua contribuição à educação, como a maioria dos que militam nesta área. Mas foi em 1970, ao chegar ao Conselho Federal de Educação, convidada pelo Ministro Jarbas Passarinho, que conheci Newton Sucupira.

Foi nas sessões plenárias do Conselho Federal de Educação, durante os 10 anos em que tive o privilégio de com ele conviver, que tive a oportunidade de construir uma amizade fraternal, que atravessaria os tempos, e de admirar o fulgor de sua inteligência e a extensão de sua cultura, nos apartes e comentários que fazia, e nos pareceres doutrinários que elaborava, os quais, além de sábios, eram extremamente bem escritos e que foram bússola e compasso para a educação superior de nosso país, para as inúmeras instituições desse nível de ensino, que nasceram, cresceram, e foram reconhecidas, sob sua inspiração e orientação.

Foi nesse convívio, com o qual tanto aprendi, que me foi dado conhecer seu lado humano, como marido e pai extremoso, como amigo de seus amigos, como interlocutor ponderado nos momentos difíceis.

Construímos, ao longo de mais de 30 anos, uma amizade que se tornou mais sólida e íntima, quando somei à sua amizade, a amizade de Odete, sua dedicada companheira de tantos anos, misto de guerreira e de fada. Sob sua voz mansa e seu sorriso largo e acolhedor, escondia sua fortaleza de ânimo e sua coragem, sua influência sobre aquele homem que parecia não aceitar influência de ninguém, mas que se deixava render à sabedoria da mulher que amava e que lhe deu nove filhos a quem adorava.

Com que orgulho falava da formação de seus filhos e do papel de Odete nesta formação, da trajetória acadêmica de todos eles, orientada e acompanhada por ele, incansavelmente, vibrando com as conquistas de cada um. O ser humano, o pai amantíssimo revelava-se nessas horas, colocando na penumbra, por instantes, o intelectual, o filósofo, o grande pensador que todos os educadores conheciam e admiravam.

Este outro lado seu, humano, nem sempre era revelado aos que o conheciam. Os seus amigos tiveram este privilégio.

Sua voz perdia a veemência com que defendia seus pontos de vista, com que desprezava a mediocridade. Suas falas, às vezes até ríspidas, cediam lugar a falas banhadas pela ternura e pelo amor ao referir-se à família que tanto amava e admirava.

Foi esse Newton, marido, pai e avô amantíssimo, amigo incondicional de seus amigos, que se tornou meu grande amigo.

Evidente que eu admirava seu lado intelectual, culto, combativo, precursor de ideias, sua fulgurante inteligência e sólida cultura, mas nossa amizade solidificou-se por me ter sido permitido conhecer seu lado humano e amoroso.

Conversávamos sobre tudo, inclusive nos últimos tempos, sobre nossa dificuldade em aceitar a velhice, em aceitar a perda das pessoas que amávamos, do vazio que sentíamos na alma, da preocupação com os rumos da educação brasileira. Nessas horas, eu chegava a sentir nas suas palavras mansas e reflexivas, o palpitar de seus sentimentos mais íntimos.

O eminente educador e filósofo, o acadêmico preocupado em enriquecer cada vez mais sua rutilante inteligência e invulgar cultura, sempre lendo e estudando, aparentemente frio em seus relacionamentos, convivia com o homem bom, generoso, amoroso, amigo, que tinha

uma formação humana, moral, ética e religiosa que o tornavam um ser especial. Valores que ele soube transmitir a seus filhos e netos, com extrema convicção, porque foram valores que ele vivenciou até nos deixar.

É este Newton, que ele me deixou conhecer tão bem, ao longo de nossa amizade, que eu quero lembrar nesse Seminário.

Há dois momentos especiais que aqui quero reviver. O primeiro, quando se afastou do magnífico trabalho que realizou na Universidade Federal do Rio de Janeiro, que o homenageou numa sessão especial. Ao fazer um retrospecto de sua vida acadêmica, terminou seu magistral discurso, dirigindo-se à Odete, que estava sentada a meu lado, na primeira fila do auditório, creditando a ela tudo que pudera fazer, por contar permanentemente com seu incentivo, com sua inspiração, por ter tido a sabedoria de poupá-lo dos problemas comuns da vida de uma família numerosa, permitindo-lhe estudar, trabalhar, produzir intelectualmente, sempre a seu lado, impulsionando-o com palavras e gestos de ternura, compreensão e amor.

O segundo momento que quero reviver foi, em suas bodas de ouro. Odete estava saindo de um de seus momentos precários de saúde. Ao final da bela e comovente festa que seus filhos e netos organizaram, em que Odete ressurgia feliz e radiante, vestida com um costume dourado, símbolo dos seus 50 anos de vida em comum com Newton, ele, ao falar, proferiu a mais bela declaração de amor que já ouvi, dedicada àquela que foi sua admirável companheira por mais de meio século de vida.

Este era o Newton, que um nosso amigo comum, membro do Conselho Federal de Educação, inteligência lúcida, cultura sólida e fala brilhante, que muito fez também pela educação brasileira – refiro-me ao Padre José Vieira de Vasconcelos – num certo dia 9 de maio, na sessão plenária do Conselho Federal de Educação, saudando-o, porque era dia do seu aniversário procurou definir a figura de Newton Sucupira, assim dizendo:

“Newton Sucupira é como essas casas de arquitetura espanhola. A fachada é sólida, aparentemente fria, difícil de transpor. Os que conseguem, entretanto, abrir a porta de entrada deparam-se com um pátio central, deslumbrante de luz, colorido por cascatas de flores, aconchegante, acolhedor.” Assim foi ele. Quem o conheceu intimamente teve a ventura de se deparar com um homem caloroso, amigo, iluminado, cheio de vida e de emoção para dar e sequioso para receber.”

É esse Newton, amigo querido de tantos aqui presentes, que desejei relembrar e reverenciar nesse Seminário “Os 50 anos da Pós-Graduação no Brasil”, em que se misturam admiração e saudade de um ser humano dotado de rutilante inteligência e cultura e de uma alma encantadora e rica em fé, doação e amor.

Articulador Político da Pós-Graduação: O homem, o professor, o filósofo e o político da educação

Profa. Dra. Fátima Cunha Ferreira Pinto²

Alagoano de nascimento, Pernambucano de coração

Fundada em 1545, às margens do rio São Francisco, a vila do Penedo é o primeiro registro de ocupação da costa do território do que hoje conhecemos como o Estado de Alagoas. Como se sabe, ao longo de boa parte do período colonial, Alagoas integrava a capitania de Pernambuco sob a forma de comarca (PRADO JR., 2011). Por lá proliferaram lavouras de cana-de-açúcar, além da produção de farinha, tabaco, produtos consumidos na capitania, além de moeda de troca muito importante para o tráfico de escravos africanos. Não à toa, foi palco de um dos mais importantes movimentos de resistência escrava de que se tem conhecimento no Brasil: o Quilombo dos Palmares (GOMES, 2010; MARQUESE, 2006). Berço também de importantes personagens para a nossa história, casos dos nossos dois primeiros presidentes: Marechal Deodoro da Fonseca e Marechal Floriano Peixoto. Foi em Alagoas também que nasceram Graciliano Ramos e Aurélio Buarque de Holanda. No entanto, a reflexão que agora se inicia privilegiará outro ilustre alagoano e personagem de destaque na história da educação superior brasileira: Newton Sucupira.

Apesar de causar algum estranhamento, o fato de Sucupira nem sempre constar de listas de alagoanos ilustres tem uma simples explicação: ele, desde muito cedo, experimentou a proximidade histórica entre Alagoas e Pernambuco. Foi no Estado vizinho que Sucupira iniciou seus estudos. Pode-se dizer que foi também em terras pernambucanas que nosso personagem travou seus primeiros contatos mais íntimos com a religião, ao frequentar o Colégio Nóbrega dos Jesuítas. Formou-se em Direito, mas se dedicou à Filosofia da Educação, sendo considerado o grande filósofo brasileiro do século XX, tendo escrito importante e premiada obra sobre Tobias Barreto (SUCUPIRA, 2001). Homem de muitas qualidades, ao

² Doutora em Filosofia. Editora da Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Fundação Cesgranrio. E-mail: fatimacunha@cesgranrio.org.br

longo de sua carreira atuou em várias frentes. Aproximar-se de algumas delas é objetivo deste artigo.

Logo de início convém destacar, não sem algum espanto, a escassez de trabalhos sobre tão importante intelectual. Talvez por ter atuado e vivido até muito pouco tempo atrás, a comunidade acadêmica ainda não tenha tido o tempo necessário para minimamente criar uma distância e transformá-lo em objeto de pesquisa. Fato é que são poucos os trabalhos dedicados a ele (LOBO, 1991; OLIVEIRA, 1984). Menos ainda se levamos em conta teses de doutorado *stricto sensu*, seara que deve praticamente a sua existência a Sucupira.

O político da educação

A brilhante trajetória político-educacional de Newton Sucupira teve um marco importante em 1959, quando, a convite de Anísio Teixeira, cuja matriz teórica era bastante divergente da sua (BOMENY, 2001), passou quatro meses visitando diferentes Universidades norte-americanas. A partir daí, deu-se início a sua ascendente carreira, que teve como ápice a participação no Conselho Federal de Educação, no qual ingressou em 1962 - também nomeado por Teixeira - e onde ocupou-se de elaborar pareceres que modificaram o panorama da educação brasileira. Avaliou, desde então, o panorama da questão político-administrativa da implantação do sistema brasileiro de Pós-Graduação. Outros pareceres fundamentais foram surgindo e deram novam dimensão ao Ensino Superior brasileiro - estamos nos referindo ao parecer que tratava da autonomia Universitária.

Newton Sucupira destacou-se como professor, como gostava de ser chamado. Mas sua grande participação foi como filósofo da Educação. Foi o primeiro e único brasileiro a presidir o Conselho do Bureau Internacional de Educação da UNESCO, em Genebra, e tinha orgulho de todas as funções que ocupava: Conselho Federal de Educação, Pró-Reitor para Assuntos Acadêmicos da Universidade Federal de Pernambuco, Diretor do Ensino Superior e Presidente da Comissão de Assuntos Internacionais do Ministério de Educação, representante do Brasil no Conselho do Bureau Internacional, em Genebra, e outras funções, que nunca o afastaram do magistério.

Segundo Maria Judith Sucupira Lins (1996), o professor Sucupira foi pioneiro no projeto 'Universidade Aberta', que objetivava ampliar o ingresso no Ensino Superior:

Em 1972, Sucupira fez uma viagem de estudos à Inglaterra e trouxe o projeto da universidade aberta, minuciosamente relatado por ele em artigo que ficou conhecido como "Relatório Sucupira". Nesse momento, Sucupira continuou exercendo intensamente suas atividades no Conselho Federal de Educação. Já havia passado o momento das maiores discussões sobre as diversas reformas que estavam em curso nos três graus de ensino. As faculdades de educação já estavam em andamento em diversas universidades. O Relatório Sucupira trata de um tema à época bastante polêmico. O entusiasmo e o desconhecimento a respeito dos métodos de ensino não convencionais se generalizavam e Sucupira dava as indicações precisas no relatório a respeito dos ganhos e dos cuidados necessários ao bom desempenho dessa nova maneira de ampliar o acesso ao ensino superior no Brasil, considerando os cursos abertos. O fato de ter trazido uma avaliação positiva da experiência inglesa e de ter sugerido a possibilidade de uma adaptação ao contexto brasileiro rendeu-lhe muitas críticas. O interesse que aquela experiência despertou no educador consistia na possibilidade de democratizar o ensino superior sem aviltamento da formação universitária. O relatório é minucioso na descrição do alto investimento em pessoal qualificado, trabalhando em tempo integral, e, especialmente, do empenho da universidade inglesa em garantir qualidade e excelência com esse novo formato de disseminação do ensino superior. O grande objetivo daquele empreendimento parecia responder à urgência que se fazia necessária na extensão da formação superior a uma camada mais ampla da população adulta: dar aos que trabalham a possibilidade de obter uma formação universitária. Professores de alta qualificação, recrutados na forma usual em que as universidades inglesas selecionam seus professores, distribuídos nos diferentes níveis da hierarquia acadêmica, tudo isso afastava a ideia de ser o programa da universidade aberta uma experiência pouco recomendável. Ao contrário, o que o relatório sugere é uma estreita relação entre alto padrão e formação superior, ou seja, uma estrutura desenvolvida de ensino superior e a implantação de uma estrutura baseada em novos instrumentos de transmissão e avaliação de conhecimentos.

Assim, dar formação universitária a uma camada da população que não tinha acesso ao Ensino Superior era imprescindível na visão de Newton Sucupira.

O pai da Pós-graduação no Brasil

O desejo de estudar fora do Brasil não é novo. No entanto, o que séculos atrás era uma necessidade, hoje é uma opção. Atualmente, abundam os cursos de pós-graduação no Brasil, e é perfeitamente possível fazer um curso de alta qualidade sem a necessidade de mudar de país. Mas nem sempre foi assim. Nesse sentido, resgatar a história ainda recente da pós-graduação e, especificamente, o Parecer Sucupira é de fundamental importância, tanto para preservação da memória, quanto para termos mais clareza dos rumos que precisam ser dados para a melhoria do ensino e da pesquisa no Brasil. Podemos considerar, então, a criação da USP na década de 1930, com a vinda da missão francesa, como o primeiro marco

da criação da Pós-graduação no Brasil. No entanto, foi em 1965, com o parecer elaborado por Newton Sucupira que a pós-graduação foi regulamentada.

Relatado pelo Professor Sucupira, assinam o Parecer nº 977 Almeida Júnior, presidente da Câmara de Educação Superior, Clóvis Salgado, José Barreto Filho, Maurício Rocha e Silva, Durmeval Trigueiro Mendes, Alceu, Amoroso Lima, Valuir Chagas e Rubens Maciel e Anísio Teixeira. Segundo Bomeny (2001), o Parecer nº 977 foi uma encomenda do Ministério da Educação ao Conselho Federal de Educação e Cultura, que considerou a necessidade de implantar e desenvolver o regime de cursos de pós-graduação no Ensino Superior "tendo em vista a imprecisão, que reina entre nós, sobre a natureza desses cursos" (MEC/CFE, 1965). Desde então, a Pós-Graduação tem sido regida pelas regras enunciadas no parecer.

De lá para cá, cinquenta anos se passaram e a pós-graduação só faz crescer. Em artigo publicado na revista Avaliação, em março de 2015, Cláudia Cirani, Milton Campanário e Heloísa Helena Silva, analisam a evolução dos programas de pós-graduação no período de 1998 a 2011, e constatam que essa evolução é positiva tanto em termos quantitativos, quanto qualitativos (CIRANI; CAMPANÁRIO; SILVA, 2015). Por sua vez, os últimos dados da avaliação trienal divulgados pela Capes mostram um crescimento de 23%. Nos últimos 40 anos, o crescimento é de 1.000%. Atualmente, existem no Brasil mais de 5 mil programas de pós-graduação. Ou seja, independentemente do governo, a pós-graduação teve crescimento contínuo. E, como já foi várias vezes aqui mencionado, o papel exercido por Newton Sucupira em todo esse processo foi fundamental. Sua importância, apesar de não ter ganho ainda as páginas de muitas teses, foi reconhecida pela Capes, que, em 2014, inaugurou em seu sistema uma plataforma com seu nome. A Plataforma Sucupira surge como ferramenta para coletar informações, realizar análises e avaliações e ser a base de referência do Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG).³

O pai de família

Na vida pessoal, Sucupira foi um zeloso pai de nove filhos, e os atendia, pessoalmente, com a sua inseparável e amada Dona Odete. Maria Judith, sua primogênita e seguidora de seus passos, em palestra proferida em evento organizado pelo Mestrado em Avaliação da

³ <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/> acessado em 28/02/2016.

Fundação Cesgranrio, em homenagem aos 50 anos do parecer nº 977, lembrou que, à noite, seu pai sentava-se à luz da cama das meninas e contava histórias da carochinha. Em determinado momento, começava a contar histórias de fantasmas e de terror, e Maria Judith começava a gritar. Ele ria e mudava a história. Sucupira e Dona Odete cuidavam de nove filhos com o rendimento de professor, e ele, para provocar Dona Odete, dizia que iria contratar uma preceptora alemã. Sucupira sempre apreciou a educação alemã. Maria Judith destaca que a parte mais importante na figura de Sucupira era a sua devoção religiosa e o amor a Deus e a Virgem Maria. A filha e ilustre educadora nos fala de seu pai com grande admiração e amor:

Há tanto para ser dito sobre o Educador-meu pai, no entanto, fico indecisa diante das minhas lembranças, pois muitas delas podem parecer desinteressantes e talvez não se enquadrem nos propósitos dessa obra. Como um verdadeiro Educador, papai sempre vive nos mínimos acontecimentos a sua proposta, não se restringindo a educar apenas sistematicamente, ou quando explicitava suas ações. Presenciei muitos atos, inteiramente aleatórios, onde seu comportamento volitivo orientado para uma perspectiva superior, essencialmente educativa, serviu de exemplo. Acontecia assim a Educação, não só através de palavras, ensinamentos e lições específicas, métodos também largamente utilizados, como pelo seu próprio estilo de vida. Certa vez, estávamos no terraço de nossa casa, eu ainda não tinha dez anos, quando alguém bateu à porta, um mendigo, como era frequente. Estava com as roupas rasgadas e pedia esmola. Sem titubear, papai entrou para logo reaparecer trazendo uma de suas calças na mão e oferecê-la ao surpreendido homem. Estes comportamentos próprios de meu pai fazem a sua marca registrada como Educador. Não é com discurso que se educa, mas vivendo realmente o que se pensa, e isto foi sempre uma verdade sem desvios no processo educativo de papai conosco.

Abro parênteses para contar um caso pessoal: fazendo uma palestra em um Congresso de Filosofia, falei da participação de Tobias Barreto. Imediatamente, de público, ele me interrompeu e disse que só poderia falar de Tobias se conhecesse alemão - o que não era o meu caso. Como se sabe, as pesquisas e estudos de Tobias Barreto eram feitas em alemão. Em meio a tantos Doutores, dei-me conta de estar fazendo uma citação de fonte secundária. Muito envergonhada, fui amparada por outro brilhante educador, Arnaldo Niskier, que, com suas “tiradas” sempre irônicas e pertinentes, salvou-me.

Sucupira e a Fundação Cesgranrio

Ao encerrar minha exposição sobre Sucupira, eu, que tive o privilégio de ser sua aluna e de conviver com a sua família, gostaria de falar sobre a Fundação Cesgranrio, hoje, o maior Centro de Avaliação do país, que teve Newton Sucupira como seu principal articulador. Em 1970, a organização do embrião da Fundação Cesgranrio - os vestibulares unificados - teve especial relevância. Eram dois os principais objetivos dos vestibulares unificados: 1. Pagamento de uma única inscrição para acesso a diferentes instituições de Ensino Superior, de modo a oferecer o mesmo número de oportunidades a pobres e ricos, pois era sabido que na época os candidatos que tinham maior poder aquisitivo se inscreviam em diferentes instituições. 2. Estabelecimento da realização das provas no domingo, respeitando a Constituição Brasileira que assegura a liberdade religiosa dos candidatos, pois nesse dia não há impedimento de nenhuma crença quanto à presença de seus fiéis, ao contrário do que acontece no dia de sábado.

Carlos Alberto Serpa de Oliveira, discípulo direto de Newton Sucupira, conduziu a obra até chegar à grande Instituição de hoje.

Conclusão

Articulador político da pós-graduação, professor, filósofo, político da educação, homem de fé, pai zeloso. Newton Sucupira foi um homem multifacetado e soube com muito brilhantismo, coerência e seriedade exercer todas as funções que lhe cabiam. Seu legado é enorme e inspirador, merecendo todas as reverências e homenagens para que se perpetue cada vez mais, principalmente através dos programas de pós-graduação, mola propulsora da pesquisa e do ensino de excelência no país, motor do desenvolvimento do Brasil.

Referências

BOMENY, Helena. Newton Sucupira e os rumos da educação superior. Brasília, DF: Paralelo 15; CAPES, 2001.

CIRANI, Cláudia Brito Silva; CAMPANÁRIO, Milton de Abreu; SILVA, Heloísa Helena Marques da. A evolução do Ensino da pós-graduação senso estrito no Brasil: análise exploratória e proposições para pesquisa. Avaliação, Campinas, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 163-187, mar. 2015.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Plataforma Sucupira. 2016. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>>. Acesso em: 28 fev. 2016.

GOMES, Flávio (Org). Mocambo dos Palmares: história e fontes (séculos XVI-XIX). Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2010.

LINS, Maria Judith Sucupira da Costa. Um educador muito especial. In: OLIVEIRA, Fátima Bayma. Ética e Educação: o pensamento de Newton Sucupira. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 1996.

LOBO, Yolanda. A Construção e Definição de Políticas de pós-graduação em Educação no Brasil. A Contribuição de Anísio Teixeira e Newton Sucupira. 1991. f. 216. Tese (Doutorado)–Pontifícia Universidade Católica, PUC, Rio de Janeiro, 1991.

MARQUESE, Rafael de Bivar. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. Novos Estudos: CEBRAP, São Paulo, n. 74, mar. 2006.

SUCUPIRA, Newton. Tobias Barreto e a filosofia alemã. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001.

OLIVEIRA, Fátima Bayma de. Gênese, evolução e tendências dos cursos de pós-graduação lato sensu. 1984. f. 201. Tese (Doutorado)–Faculdade de Educação, UFRJ, Rio de Janeiro, 1984.

BRASIL. Parecer n. 977, de 3 dez. 1965. Definição dos Cursos de Pós-Graduação. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/977_1965.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2016.

_____. Ministério da Educação. Parecer 977/65. Documenta, Brasília, DF: MEC/CFE, n. 44, p. 67-86, dez. 1965.

PRADO JR., Caio. Formação do Brasil contemporâneo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Homenagem ao Educador Newton Sucupira

Profa. Dra. Sonia Martins de Almeida Nogueira

*“O dia que se adquire
cada dia
(como uma ave
que vai cada segundo
conquistando seu voo).”*

João Cabral de Melo Neto
In *Discurso do Capibaribe*

1. Da Ponta do Novelo que se Desenrola

O ato de criação da Pós-Graduação no Brasil completou 50 anos em 3 de dezembro de 2015 e, neste momento, promove-se uma comemoração a partir do seu significado: “comemorar é memorar em comum e publicamente” (SUCUPIRA, 1993, p.1), observando que:

[...] ao rememorar visamos com um olho o passado e com o outro seguimos atentos ao porvir, como referido constantemente o que foi ao que pode sobrevir. Assim sendo, a evocação ativa do passado há de ser feita a partir do presente mas em função do futuro. Utilizamos a história com o fito de mostrar como o presente se explica por um passado que não era semelhante a ele, e porque a interpretação que damos a esse presente nos leva a conceber futuros que sejam diferentes desse mesmo presente quanto o presente o é do passado. (SUCUPIRA, 1993, p. 2).

Esta comemoração reúne ex-alunos e orientandos do Professor Newton Sucupira, bem como outros acadêmicos e intelectuais que compartilharam com ele, ao longo da segunda metade do século passado, a experiência de construtores do futuro no campo da Educação, no processo em que a universidade era (e ainda é) sujeito e objeto, ao mesmo tempo. Estamos presentes, junto com alunos de cursos de pós-graduação, para homenagear o mestre e, no que se refere à universidade, “eventualmente redefinir o seu projeto, sobretudo quando ainda não se encontrou a si mesma na plenitude de sua identidade” (SUCUPIRA, 1993, p. 2).

Buscamos, então, o ponto de partida, que é o Parecer nº 977/65, CFE, CESu, do qual o Professor Newton Sucupira foi o relator, sendo, pois, o elaborador da doutrina que se consubstancia no texto do documento. A ação geradora desse parecer se identifica na iniciativa do Ministro da Educação e Cultura através de aviso ministerial ao Conselho Federal de Educação,

pois, considerando a necessidade de implantar e desenvolver o regime de cursos de pós-graduação em nosso ensino superior e tendo em vista a imprecisão sobre a natureza desses cursos, o MEC solicitou pronunciamento sobre a matéria e regulamentação dos cursos a que se refere a letra b do art. 69, da Lei 4024/61, então vigente. Já havia iniciativas de cursos de pós-graduação nas áreas das ciências naturais e das chamadas *hard sciences*, mas nos faltava o pronunciamento do Conselho Federal de Educação para sua regulamentação e universalização.

Precisamos, no entanto, lançar, brevemente, o olhar sobre o cenário que se apresentava no início dos anos 1960, em que ainda efervesciam as tensões oriundas do projeto desenvolvimentista do Plano de Metas, do governo de Juscelino Kubitschek, que viabilizou um estágio avançado de industrialização e deu ao programa de governo a identidade de desenvolvimentismo, e os conflitos e embates da disputa política, gerados pela renúncia do Presidente Janio Quadros, em agosto de 1961, estando, ainda, o país posto em xeque por sua categorização de subdesenvolvido no plano internacional.

Em 1963, o projeto de desenvolvimento econômico tinha a imagem de um navio que adernava nas águas da instabilidade política e administrativa. Esse quadro apresentou um novo desenho quando, em 1964, “os militares assumiram o governo de forma inconstitucional, conferiram a si próprios poderes de exceção” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 449), iniciando seu projeto de reorganização do Estado.

Nesse ambiente, em que, no entanto, não se esmaeceu a instabilidade política, prosseguiram as discussões sobre a reforma do ensino superior, dando concretude, em 1968, à Lei 5540, que fixou “normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média” e firmou, em seu artigo 2º, o princípio de serem indissociáveis o ensino e a pesquisa. Os avanços em ciência e tecnologia configuravam nessa década uma demanda urgente para a realização dos objetivos de um projeto de desenvolvimento e a presença dos programas de pós-graduação no ambiente acadêmico constituía, por certo, um requisito fundamental, uma vez que exerceriam sua função de formação de pesquisadores.

Permitimo-nos aqui uma breve digressão para evocarmos também os anos 1970, embora posteriores, por identificarmos uma clara conjunção de ação política, em que se interligaram a implantação da pós-graduação, a reforma do ensino superior, a reforma do ensino fundamental e médio, esta pela Lei 5692/71, e os dois planos nacionais de desenvolvimento, abrangendo os períodos 1972-1974 e 1975-1979. Em seu novo modelo de ordenação jurídica política, o governo

militar instituiu, fundamentado na Lei 5727, de 4 de novembro de 1971, o I Plano Nacional de Desenvolvimento- PND-1972-1974, um plano de desenvolvimento econômico que assumia o compromisso de conduzir, progressivamente, ao desenvolvimento social. Suas metas se orientavam para a estruturação da cadeia produtiva e promoção de ações para implementar indústrias da alta tecnologia. O II PND-1975-1979, que o sucedeu, veio a acentuar, sobretudo, o objetivo de reorganizar as bases da economia, diante da crise econômica gerada pelo primeiro choque do petróleo, mantendo a identidade de um plano voltado para o desenvolvimento econômico, que se conduziria em direção ao desenvolvimento social. Em ambos os planos, constata-se o desafio de formação de quadros para dar suporte à produção de ciência e tecnologia.

Nossa evocação vem à arena, pois, quando nos detemos na necessidade de formação de quadros para dar suporte ao plano de governo dos militares. A formação de pesquisadores e docentes para cursos superiores, constituindo atribuição das universidades, particularmente deveria responder ao desafio de alcançarmos índices desejados, e necessários, na produção de ciência e tecnologia.

Esta breve argumentação introdutória nos serve de algum modo, assim julgamos, para acentuar a relevância da criação da pós-graduação no Brasil nos anos 1960, quando nos detemos em seu tempo histórico. Nesta exposição, temos em conta que:

Não é que o passado venha por si mesmo até nós, mas que, ao contrário, nós é que vamos ao passado, volvemos a ele mercê a essa estranha condição do homem que lhe permite mover-se livremente por todas as dimensões de seu tempo e ser igualmente futuro, presente e passado. (SUCUPIRA, 1993. p. 2).

2. A Palavra Sabida, O Pensamento que se Suspeita

Há um ponto a ser assinalado: a universidade brasileira nasceu na República, já no século XX, ante eclesiástica, laica, portanto, e democrática. Nasceu pública, comprometida com a República, com a democracia, como fórum da universalidade e pluralidade do pensamento. Este é um marco de milha, que não nos limita, no entanto, ao lançarmos nosso olhar para o processo histórico da universidade no mundo ocidental e o impacto de sua presença na sociedade e na cultura, identificando-a como: “lugar privilegiado da elaboração e da dispensação das mais altas formas do saber em seus aspectos puros e aplicados” (SUCUPIRA, 1976, p. 3).

Considerando essa assertiva do eminente professor como premissa, podemos entender que a doutrina do parecer que pomos em foco deveria dar corpo a um modelo em que se atribuiria à universidade brasileira, além de sua função tradicional de transmissão do saber já constituído, o compromisso com uma ação voltada para a elaboração de novos conhecimentos, promovida pela atividade de pesquisa criadora. Em seu texto, Newton Sucupira assinala que:

A universidade enfrenta seu dilema de fazer face ao que está posto: entre a criação de conhecimentos novos e a preparação da grande massa de estudantes para a vida profissional; entre as exigências da pesquisa científica e a busca da formação e expansão da personalidade; entre o impacto da especialização inerente à civilização tecnológica e a necessidade de uma educação humanista. (SUCUPIRA, 1976, p. 7).

Seus argumentos se constroem fundamentados na descrição dos modelos europeu pós Idade Média, alemão, a partir de Humboldt, e norte americano, este em seu projeto pedagógico de pós-graduação. E, com base em sua abordagem desses sistemas de ensino superior, o professor acentua a necessidade da pós-graduação, considerando que os programas se impõem “como consequência natural do extraordinário progresso do saber em todos os setores” (SUCUPIRA, 1976, p. 2).

Mas, é a ideia americana de Universidade, surgida no século XIX, que podemos identificar como argumento gerador da proposta de pós-graduação construída no parecer. O modelo norte americano, segundo Sucupira (1965), integrando diferentes tradições, caracteriza a universidade como uma instituição complexa e diversificada, com a função de atender aos que pretendem alcançar uma habilitação profissional e aos que poderão dedicar-se à investigação científica de maior complexidade. Esse, portanto, foi o modelo que, tomado como objeto de análise, serviu de inspiração/orientação ao relator para a criação do sistema de cursos de pós-graduação, sistema que se explicita quando o documento se detém na definição e características dos cursos de mestrado e de doutorado, na forma da exigência legal.

Observador atento da sociedade, consciente do ambiente estrutural da sociedade vivenciado nos anos 1960 em nosso país e das transformações da vida econômica, política e sócio cultural que ocorriam no plano internacional, o Professor Newton Sucupira deu ênfase à urgência de “promover a implantação sistemática de cursos de pós-graduação a fim de formarmos os nossos próprios cientistas e tecnólogos, sobretudo atentando para a expansão da indústria brasileira, a requerer número crescente de profissionais para cuja formação não

bastava a simples graduação” (CFE,1965, p.3), pois conhecia o cenário de quase não existirem, à época, cursos de pós-graduação em nível regular e os limites dos cursos de graduação para a formação do especialista altamente qualificado, do pesquisador e do cientista, o que representava, em sua análise, um quadro desfavorável às condições de desenvolvimento econômico pautado na consolidação do processo de industrialização pretendido. Mas, ao mesmo tempo, defendeu sua premissa de um programa de estudos pós-graduados ser “condição básica para se conferir à nossa universidade caráter verdadeiramente universitário, para que deixe de ser instituição apenas formadora de profissionais e se transforme em centro criador de ciência e de cultura” (SUCUPIRA, 1976, p.3).

Este breve texto, que tecemos para sublinhar a presença de Newton Sucupira na criação da pós-graduação no Brasil, neste momento nos conduz a duas aproximações quando pomos em foco a argumentação construída ao longo de seu histórico parecer: precisamos entender sua concepção da universidade como uma instituição que corresponde às necessidades essenciais do espírito humano, à exigência do saber, e acolher sua preocupação no sentido de que a universidade possa superar, inteiramente, todas as tensões, contradições e ambiguidades inerentes à cultura do país. A partir destas aproximações, supomos ter os princípios básicos do modelo elaborado.

3. Carta de navegação: pontos cardeais no traçado da rota da Universidade

Ao nos determos nas funções da universidade, temos consciência de que a particular concepção de universidade do Professor Newton Sucupira não trata dessa instituição como era no seu tempo, mas o que deveria ser. Uma constante em seu pensamento é que há duas finalidades que aparentemente se opõem e se completam ao mesmo tempo: humanismo e desenvolvimento econômico, a cultura geral desinteressada e a formação pragmática em função de uma profissão. Aproxima-se de seu objeto entendendo que não é uma entidade abstrata, não situada em sua ambiência histórica. Assevera que como instituição está a serviço da sociedade e realiza uma tarefa de transmissão de valores, exercendo uma função crítica da cultura e das estruturas sociais (SUCUPIRA, 1976). Essa sua concepção está na essência do parecer elaborado em 1965.

Embora a presença do Professor Newton Sucupira na educação tenha sido destacada nesta exposição como relator do Parecer nº 977/65, podemos perceber que é muito mais

ampla sua contribuição para o pensamento no campo da educação, oferecendo elementos de sua reflexão e de sua relevante análise das questões do ensino superior.

Aqueles que compartilharam com ele, a vivência das atividades acadêmicas, guardam em seus fazeres e saberes docentes a rica experiência de participar do compromisso de construtores do futuro no campo da Educação e, por certo, têm, em sua memória afetiva, a medida do scholar e do homem Newton Sucupira, lembrando que: “podeis aprender que o homem é sempre a melhor medida. Mais: que a medida do homem não é a morte mas a vida” (MELO NETO, 1975, p. 116).

Referências

BRASIL. MEC/Conselho Federal de Educação/CESu. Parecer nº 977/65 de 03 dez. de 1965. Definição dos Cursos de Pós-Graduação. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 03 dez. 1965. Disponível em: <<https://www.capes.gov.br/images/stories/download/legilacao>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

_____. Lei nº 4024, de 20 de dez. de 1961. Fixa Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, 27 dez. 1961. Retificado em 28 dez. 1961. Disponível em: <<http://congressonacional.gov.br>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

_____. Lei nº 5540, de 28 nov. de 1968. Fixa Normas de Organização e Funcionamento do Ensino Superior e sua Articulação com a Escola Média, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF 29 nov. 1968. Disponível em: <<http://congressonacional.gov.br>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

MELO NETO, João Cabral de. Antologia poética. 3.ed. Rio de Janeiro: Olympio, 1975.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. Brasil: uma biografia. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SUCUPIRA, Newton. A Condição da Universidade e a Reforma Universitária Brasileira. Vassouras: Fundação Educacional Severino Sombra, 1976.

_____. Faculdade de Educação: Origem e Missão. Conferência proferida em 9 de julho de 1993, na solenidade comemorativa do vigésimo quinto ano da Faculdade de Educação da UFRJ. Rio de Janeiro: FE/UFRJ, 1993.

Newton Sucupira, Incentivador de Pós-Graduações

Prof^a. Dr^a. Ligia Gomes Elliot

Ao comemorar os 50 Anos da Pós-Graduação no Brasil, prestamos merecida homenagem ao Professor Newton Sucupira. Como Relator do Parecer no 977, de 1965, há, portanto, meio século passado, o Professor Sucupira tratou, com extrema propriedade e atualidade, da definição dos cursos de Pós-Graduação no país. O pedido sobre essa definição partiu do então Ministro de Educação e Cultura ao considerar [...] “a necessidade de implantar e desenvolver o regime de cursos de pós-graduação em nosso ensino superior e tendo em vista a imprecisão [...] sobre a natureza desses cursos” solicitando então, ao Conselho de Ensino Superior, “pronunciamento sobre a matéria que defina e, se for o caso, regulamente os cursos de pós-graduação [...]” (BRASIL, 1965).

Segundo o Conselho de Ensino Superior, os cursos de graduação e pós-graduação existentes, naquela época, careciam de “conceituação mais precisa, de caráter mais operacional que doutrinária”, necessária para orientar os administradores na definição desses cursos e ainda na solicitação de “auxílios financeiros para o aperfeiçoamento de pessoal de nível superior”. Além disso, o Estatuto do Magistério, segundo o texto do Parecer no 977 [...] “confere ao Conselho a competência para definir os cursos de pós-graduação e as suas características.” (BRASIL, 1965).

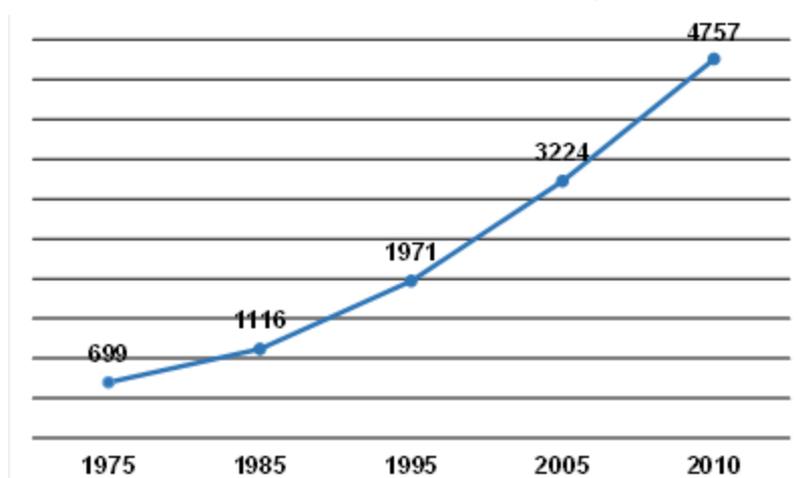
Da solicitação do Ministro, o Relator do Parecer no 977, Professor Sucupira distingue os motivos para a instauração de um sistema de cursos de Pós-Graduação, a saber: a) formar docentes competentes para se ter um ensino superior de qualidade; b) “estimular o desenvolvimento da pesquisa científica por meio de preparação adequada de pesquisadores”; e c) “assegurar treinamento eficaz de técnicos e trabalhadores intelectuais de alto padrão para fazer face às necessidades de desenvolvimento nacional em todos os setores.” (BRASIL, 1965).

Assim, a necessidade de qualificação dos quadros docente e técnico que as instituições de ensino superior tinham, e ainda a premência em fomentar o desenvolvimento do país por intermédio da pesquisa, marcaram a instauração dos cursos de Pós-Graduação no país.

Embora tenha tido o privilégio da convivência acadêmica com o Professor Sucupira em palestras e seminários na Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFRJ, não tive, como os demais que já se apresentaram ou se apresentarão, a proximidade dos parceiros e dos ex-alunos ou orientandos. No entanto, considerando o presente da Pós-Graduação no país, imaginei que, para essa breve apresentação, seria interessante reunir dados e mostrar o crescimento dos cursos, como um ‘prestar contas’ da evolução que se processou durante esses 50 anos, evolução essa incentivada pelo Parecer no 977, de autoria do Professor Sucupira. Se ele aqui estivesse, imagino que gostaria de conhecer essa trajetória, também quantitativa, que certamente teve seu início com a aprovação do Parecer.

Os dados que consegui levantar em documento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes), do Ministério da Educação (MEC), se referem ao início das avaliações formais pelas quais os cursos passaram. Abordam estatísticas oficiais a partir de 1976.

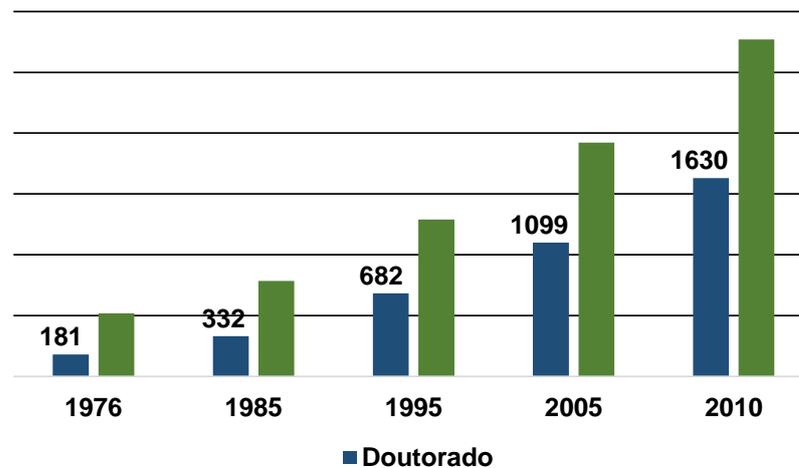
Gráfico 1 - Total de Cursos de Pós-Graduação – 1976-2010.



Fonte: Capes (2014).

O primeiro gráfico mostra o total de Cursos de Pós-Graduação, incluindo o Doutorado e o Mestrado Acadêmico e Profissional, de 1976 a 2010. De quase sete centenas de cursos, em 1976, observa-se um crescimento de 59%, para 1985, chegando a 47% de 2005 a 2010, um período de apenas 5 anos.

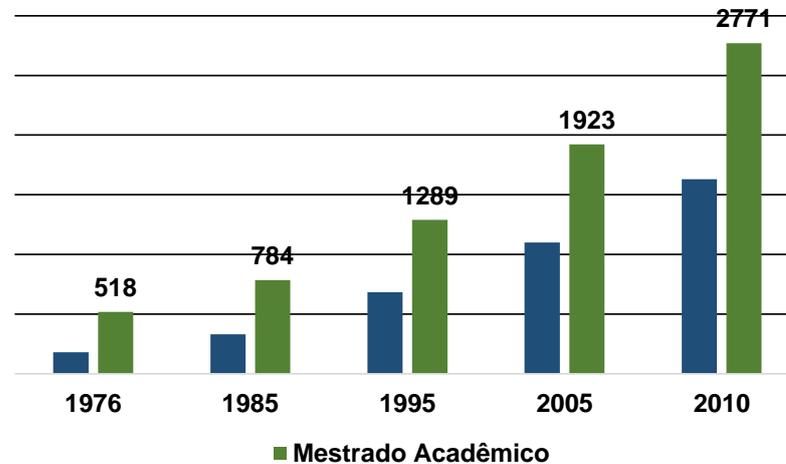
Gráfico 2 -Total de Cursos de Doutorado - 1976-2010



Fonte: Capes (2014).

Ao se destacar os cursos de Doutorado, representados nas colunas azuis, pode-se verificar que o aumento, de forma ascendente gradativa, atingiu 83% de 1976 a 1985, chegou a 61% de 1995 a 2005, e deste último ano até 2010, a 48%

Gráfico 3 -Total de Cursos de Mestrado - 1976-2010



Fonte: Capes (2014).

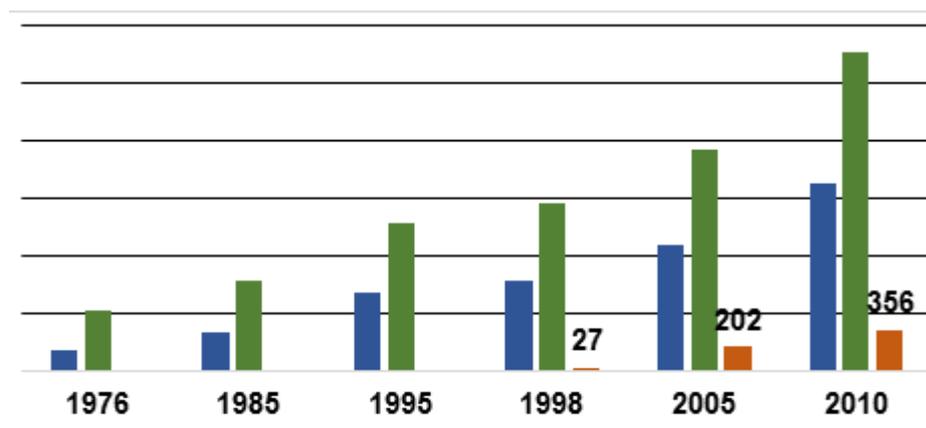
Já os Cursos de Mestrado Acadêmico, significando para alguns a aquisição de expertise em áreas do conhecimento indispensáveis ao exercício do magistério superior, e para outros, além disso, o degrau para o ingresso na maior parte dos cursos de Doutorado, concentraram o maior quantitativo de discentes. Nos mesmos períodos de anos considerados para os cursos de Doutorado, o número de Mestrados é sempre maior. Constata-se que, em 1976, o total de

Mestrados já era quase 3 vezes maior do que o de Doutorados. Em 2010, a comparação indica 70% a mais de Mestrados Acadêmicos em relação ao total de Doutorados.

Observa-se também que o crescimento do Mestrado Acadêmico, de 1976 a 1985, em um período de 9 anos, foi de 51%, enquanto de 2005 a 2010, em 5 anos apenas, chegou a 44%.

Como temos na Fundação Cesgranrio um Mestrado Profissional, interessa, também, verificar como essa possibilidade de pós-graduação começou no país. O Parecer no 977, do Professor Sucupira, indicava tanto a necessidade de preparação de docentes quanto a de se ter profissionais técnicos competentes no ensino superior. Cita, ainda, a existência de Mestrados direcionados para a pesquisa e outros para a formação profissional, assim como os doutorados que existiam nos Estados Unidos.

Gráfico 4 - Total de Cursos de Mestrado Profissional – 1998 – 2010



Fonte: Capes (2014).

No Gráfico 4, pode-se constatar, em 1998, como primeiro dado oficial, a presença tímida de apenas 27 cursos de Mestrado Profissional reconhecidos no país, que foram avaliados pela Capes. Em 2005, esses cursos apresentaram um crescimento expressivo de 648% em relação ao registro de 1998.

Em 2009, após a aprovação da Portaria Normativa/MEC no 17 (BRASIL, 2009), que dispõe sobre o Mestrado Profissional, houve maior atenção quanto à razão de se oferecer essa modalidade de curso. Diz a Portaria no 17 que existe a “necessidade de estimular a formação de mestres profissionais para atividades e trabalhos técnico-científicas” [e pela] “relevância social, científica e tecnológica dos processos de formação profissional avançada”, justificando a criação dos Mestrados Profissionais. Há, concomitantemente, uma intenção de “aumentar o

potencial interno de geração, difusão e utilização de conhecimentos científicos no processo produtivo de bens e serviços em consonância com a política industrial brasileira.”

Em resposta, em 2010, 356 Mestrados Profissionais foram avaliados pela Capes, mostrando um aumento de 76% em relação a 2005. O nosso Curso, Mestrado Profissional em Avaliação, criado em 2007, já faz parte dessa avaliação.

Tabela 1 - Mestrados Profissionais, por área de conhecimento

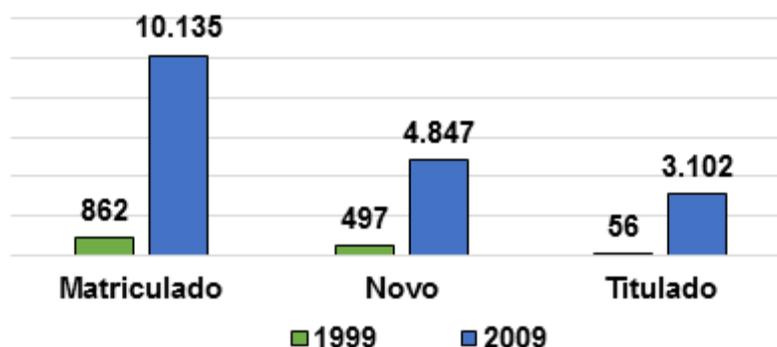
Grande Área do Conhecimento	2004	2009	Crescimento (%)
Ciências Agrárias	1	12	1100,0
Ciências Biológicas	6	9	50,0
Ciências da Saúde	23	40	73,9
Ciências Exatas e da Terra	7	10	42,9
Ciências Humanas	5	5	-
Ciências Sociais Aplicadas	30	43	43,3
Engenharias	20	45	125,0
Linguística, Letras e Artes	-	-	-
Multidisciplinar	27	79	192,6
Total	119	243	104,2

Fonte: Capes (2014).

Os cursos de Mestrado Profissional encontram-se organizados por área de conhecimento. A área Multidisciplinar, onde o nosso Mestrado se encontra, foi denominada Interdisciplinar a partir de 2008. Excetuando o crescimento da área de Ciências Agrárias, a área Multidisciplinar foi a que apresentou o mais expressivo aumento de cursos, de 2004 a 2009. Esse crescimento reflete a necessidade de se estudar e atuar sobre uma realidade diversificada e multifacetada em que vivemos.

Em relação ao número de alunos, há um aumento expressivo dos matriculados, novos e titulados, quando se confrontam dados de 1999 e 2009.

Gráfico 5 – Total de Discentes do Mestrado Profissional – 1999 e 2009



Fonte: Capes (2014).

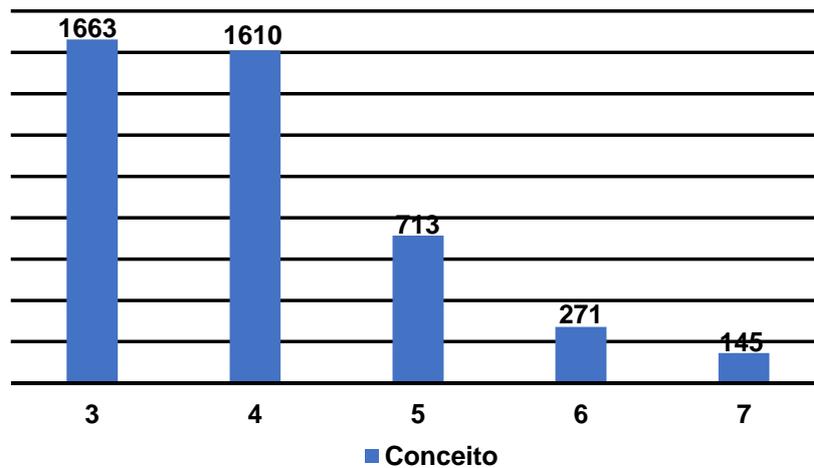
O título, obtido em programas reconhecidos e avaliados pela Capes e credenciados pelo Conselho Nacional de Educação, possui validade nacional, ou seja, não existe diferença entre um título de Mestre obtido em um Mestrado Acadêmico e o proveniente de Mestrado Profissional. Os títulos possuem “idênticos grau e prerrogativas, inclusive para o exercício da docência”, conforme afirma o Parecer CNE/CES 0079/2002 (BRASIL, 2002).

Atualmente, a Capes expressa o resultado final da avaliação dos cursos de Pós-Graduação em uma escala de 1 a 7, chamando cada nível de conceito. Os cursos têm seu funcionamento autorizado a partir do conceito 3. Os conceitos 6 e 7 se destinam aos Doutorados.

Na Avaliação Trienal 2013, foram analisados 3.337 programas de pós-graduação, que compreendem 5.082 cursos, sendo 2.893 de mestrado, 1.792 de doutorado e 397 de mestrado profissional. No entanto, nem todos alcançaram o conceito necessário para aprovação.

O Gráfico 6 mostra a distribuição dos cursos aprovados.

Gráfico 6 – Total de Cursos de Pós-Graduação aprovados em 2013, por conceito



Fonte: Capes (2014).

Cabe mencionar que o complexo conjunto de critérios de avaliação adotado pela Capes, registrado no Sistema Coleta, desde 2014 utiliza uma plataforma especialmente criada para o registro dos dados, que recebeu o nome de Plataforma Sucupira. Essa foi uma justa homenagem ao criador da Pós-Graduação, que perpetua o nome do Professor Newton Sucupira nos Programas e Cursos de Pós-Graduação stricto sensu em funcionamento no Brasil. Todos dependem da utilização da Plataforma Sucupira para registrar os dados e as informações necessárias à avaliação oficial que lhes atribui um conceito definidor de sua manutenção como curso ativo.

Finalizando, resta agradecer a todos que acolheram o nosso convite de celebrar a figura notável do Professor Sucupira e os 50 anos da criação do Parecer no 977, que permitiu que os cursos de Pós-Graduação partilhassem da atual estrutura e formato.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho de Ensino Superior. Parecer CESu nº 977, de 3 de dezembro de 1965. Definição dos cursos de pós-graduação. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 3 dez. 1965. Disponível em:
< https://www.capes.gov.br/977_1965.pdf >. Acesso em: 12 dez. 2015.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Ensino Superior. Parecer CNE/CES nº 79, de 12 de março de 2002. Consulta sobre titulação de programa mestrado profissionalizante. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 abr. 2002. Disponível em:
< http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2002/pces079_02.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria Normativa/MEC no 17, 2009. Dispõe sobre o mestrado profissional no âmbito da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Disponível em:
<http://www.ipt.br/download.php?filename=444-Portaria_Normativa_n_17.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2015.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Capes divulga resultado final da Avaliação Trienal 2013 após análise de recursos. Brasília, DF: MEC; CAPES, 2014. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/36-noticias/6908-capes-divulga-resultado-final-da-avaliacao-trienal-2013-apos-analise-de-recursos>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

Homenagem ao Educador Newton Sucupira, Formador/orientador de Doutores para a Pós-Graduação Prof. Dr. João Malheiro

1. Em primeiro lugar, **gostaria de agradecer** à Fundação Cesgranrio e à coordenação da pós-graduação – Ligia Elliot – **pelo convite para participar desta mesa**, que tanto me orgulho participar.

2. Para uma pessoa que tanto gosta de falar, **é tremendamente mortificante falar somente 15 min**, principalmente quando o conteúdo proporciona vasto material e inúmeras recordações. Entretanto, vou obedecer às normas da mesa e **me focarei apenas em algumas pinceladas que iluminem tão grande educador** que deixou uma profunda marca na história da educação do Brasil.

3. **Tive a sorte de conversar várias vezes com o dr. Newton**, algumas vezes na própria intimidade de sua biblioteca, na Rua Faro, no bairro do Jardim Botânico.

Na altura, me inquietavam algumas questões éticas que não conseguia elucidar. Para quem não sabe, **meu doutoramento se debruçou sobre a relação entre a ética e a motivação no ensino-aprendizagem**, sob a orientação de sua filha Maria Judith Sucupira (tal pai, tal filha).

Não conseguia entender a porquê da rejeição por parte de tantos filósofos da lei natural, na minha concepção, **o verdadeiro e único fundamento possível da ética**. Recordo, como se fosse hoje, a explanação do dr. Newton percorrendo os vários filósofos que foram responsáveis pelo grave desvio intelectual (os historicistas e os idealistas), e no final, o clarão apareceu como num passo de mágica. Tinha entendido o porquê da destruição da racionalidade e da rejeição da Verdade.

Tive uma sensação de estar falando com uma **pessoa sábia**. Sai num autêntico êxtase intelectual que dura até hoje.

4. Além de uma pessoa sábia, Dr. Newton era também uma pessoa **profundamente ética**. Em uma ocasião, ele afirmava que quando o país enfrenta uma grave crise, mais urgente se torna ensinar ética nas escolas. **Contemplando a grave crise ética que o país está**

passando, sem dúvida ele deverá estar se removendo a toda a hora no túmulo e se lamentando por não ter sido escutado como deveria, principalmente quando levantava a voz nestes temas de forma tão precisa e apaixonada. Graças a Deus, sua filha Maria Judith sempre soube compensar esta surdez acadêmica e foi nessa mesma direção em todo o seu itinerário de ensino e pesquisa. Com certeza foi por causa dela e pelo Grupo de Estudo sobre Ética na Educação que fundou na UFRJ, que eu também enveredei por esse caminho e se hoje posso me considerar um **especialista sobre ética das virtudes** – hoje chamadas capacidades socio emocionais – é, em parte, pelo pensamento do Dr. Newton que soube fundar e sua filha continuar.

Por isso, penso que seja um ótimo momento para agradecer publicamente não só pelo legado filosófico que soube deixar para a educação deste país, mas pela influência positiva que me deixou.

5. Por fim, além de sábio e ético, gostaria de sobressair uma última característica do Dr. **Newton**, que de alguma maneira era a verdadeira fonte das duas anteriores: **era um homem profundamente religioso, apesar de muito discreto neste campo.**

Também pude testemunhar os vários encontros que teve com o seu diretor espiritual – hoje bispo-auxiliar do Rio de Janeiro – **D. Antonio Augusto Dias Duarte** – nos quais buscava não só orientação espiritual, mas também a força da graça divina.

Ele defendia com muito lucidez essa busca pela harmonia entre a fé a razão. Afirmava que se o homem prescindia voluntariamente de Deus, **facilmente o homem se desvia do caminho da racionalidade e da verdade** até se converter na única instancia que decide o que é bom ou mau, em função dos próprios interesses.

Antecipava um pensamento depois expressado pelo filosofo Ratzinger, que costumava chamar a este fenômeno do desvio do **deserto do eu auto referencial**.

Constata-se facilmente, que sem religião, sempre fica muito difícil ajudar o mais necessitado, sem esperar um retorno imediato, perdoar um inimigo que nos maltratou, ser fiel a um compromisso mais sério no relacionamento familiar, não aceitar uma pequena corrupção no emprego, dizer sempre a verdade, **mesmo que tenha consequências negativas**, entre outros.

Comprova-se principalmente nos dias de hoje, que **se não existe um Ser Superior** que julgará as nossas ações, o homem se encontra muito mais indefeso diante da tentação de

erigir-se como juiz e determinador supremo do bem e do mal. **Isto, infelizmente, já se comprova claramente na maioria dos jovens de hoje.**

Acredito, portanto, que o Dr. Newton soube estar à frente do seu próprio tempo e vislumbrar as graves consequências sociais quando se separa a fé e a razão. Hoje, as diretrizes do ensino religioso estão enverando, inclusive, para o âmbito meramente privado, e muitas intenções educacionais mais do que laicas, são muito mais ateias e laicistas do que parecem.

Sem dúvidas, Dr. Newton que nos assistirá neste momento com muita alegria por estar sendo homenageado, não deixará de manifestar certa preocupação por tema tão relevante.

Muito obrigado.

A Presença do Professor Newton Sucupira nos 50 Anos da Pós-graduação o Brasil

Profa. Dra. Lúcia Regina Goulart Vilarinho

Falar do Professor Sucupira é algo bastante complexo e difícil, pois tendo sido ele um homem de características e personalidade tão marcantes se torna inviável captar toda a riqueza de suas ações.

Conheci o Professor sucupira no início dos anos 80, na Faculdade de Educação da UFRJ. Era ele Coordenador do Curso de Doutorado. Fui sua aluna em duas disciplinas, uma delas Filosofia da Educação e tive a honra de tê-lo como presidente de minha banca examinadora, ao concluir o curso.

Em 1985 tornei-me sua vizinha, ao comprar um apartamento no mesmo prédio em que ele morava. Ele no 201 e eu, como sua aluna, só podia caber no 101.

Em duas circunstâncias são o norte de minhas breves palavras. Em primeiro lugar quero dar destaques ao ser humano que habitava a personalidade do Professor e, em seguida, falar do vizinho, o cidadão Sucupira, que tanto contribuiu para a construção de uma sólida estrutura condominial.

O Professor, sempre bem vestido, com seus elegantes ternos, já impunha respeito pelo traje. Este respeito, no entanto, no convívio da sala de aula, logo crescia, indo muito além de sua postura ativa. Conhecedor profundo dos temas que marcava para debates, deixava sempre os alunos atônitos. Muitas vezes os nossos olhares, os olhares dos alunos, se entrecruzavam querendo dizer: “estamos por fora! É preciso estudar muito para chegar lá”. Mais o conhecimento do Professor em nenhuma situação foi usado para humilhar os alunos, os aprendizes de feiticeiro, com suas enormes lacunas. Alguns, com medo de receber uma pergunta para a qual não teriam nem esboço de resposta, presentavam temas, indagações ou considerações para distrair o Professor e formar o complô com a turma, criando novas questões passíveis de serem discutidas pelos discentes, obviamente de forma superficial. O Professor não se alterava; dava voz aos aprendizes e pacientemente confirmava o “estamos por fora”.

Como aluna do Professor, o que mais me cativou foi a sua clara compreensão de que um doutorando necessita fundamentalmente de duas atividades: muito estudo e participação em debates críticos, de modo a se desenvolver uma argumentação consistente com tomada de posições. Para isto oferecia uma vasta lista de referências bibliográficas e, mais, abria aos alunos a sua biblioteca particular. Assim, sem desprendimento emprestava seus livros.

Na indicação das obras sempre fez referências positivas aos autores, ainda que alguns deles tivessem posições diametralmente opostas às suas. Nunca vi o Professor, o longo dos quatro anos do meu curso, destilar um veneno, por menor que fosse, a respeito de algum autor conhecido no cenário da educação nacional. Sendo que a recíproca não foi verdadeira, o que não me admirava, pois, nulidades invejosas sempre passeiam nos espaços educacionais.

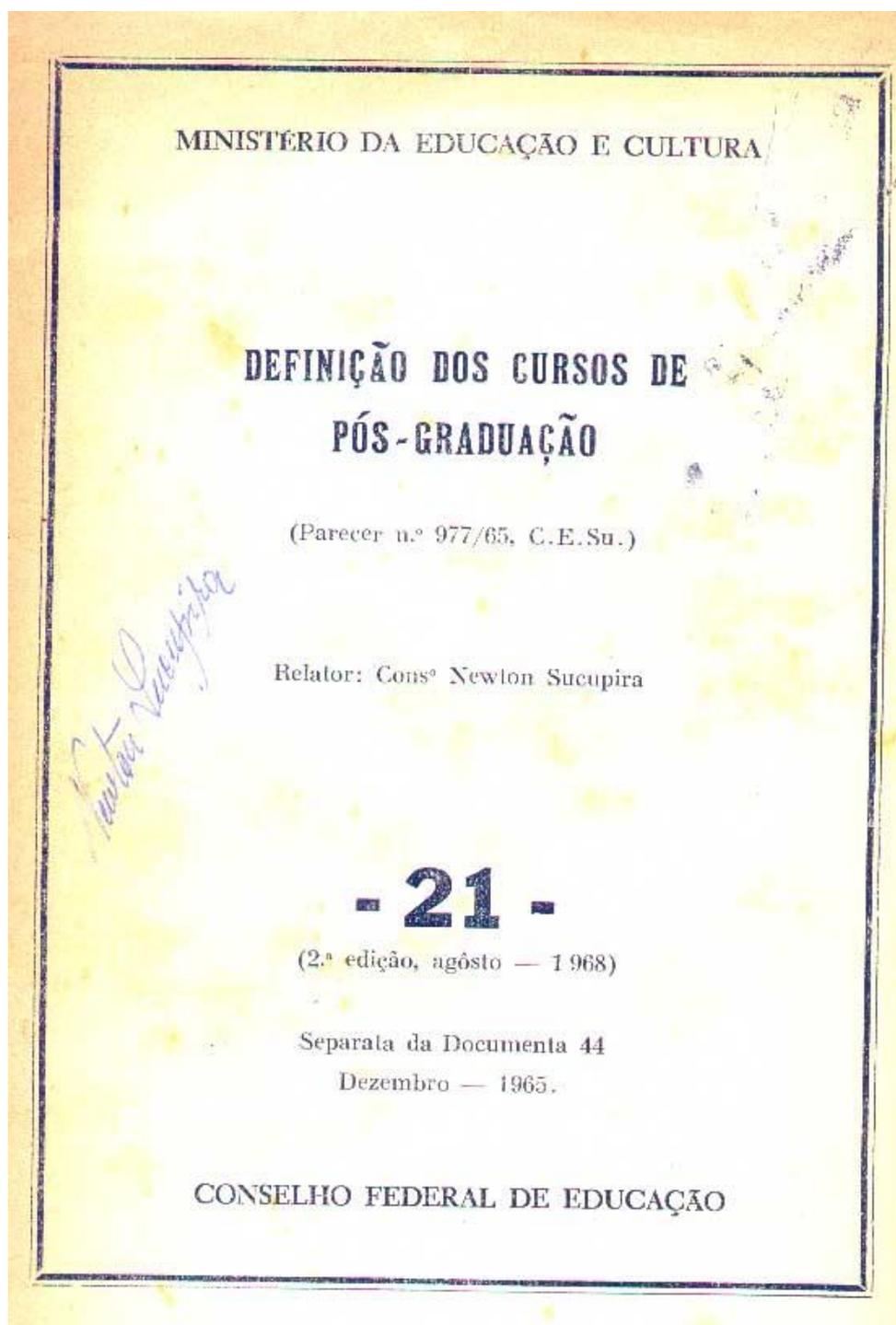
Outra faceta que muito me impressionou neste homem tido por muitos como sisudo, fechado e até mesmo arrogante, foi a sua capacidade de escutar os alunos com seus problemas. Quantos de nós tivemos de procurá-lo para falar de alguma dificuldade e ele parava tudo e escutava, buscando ajudar. Nunca tive qualquer problema quando fui conversar com o Professor, mesmo antes de ser sua vizinha. A disponibilidade do Professor me levava a pensar que, no fundo, “a tal da arrogância” era mesmo um pouco de timidez, pois jamais se apresentou como dono da verdade e nunca vi qualquer atitude exibicionista do seu conhecimento.

Na Coordenação do Doutorado se esmerou em trazer professores renomados para darem aula. Trouxe professores da UNB, do IUPERJ e de outras unidades da UERJ, com intuito de oferecer o conhecimento novo. No meu caso, posso que o Doutorado revolucionou a minha cabeça. Foi ali que ultrapassei a dimensão técnica, marcadamente cartesiana, consolidada na graduação e no mestrado. Com os meus grandes professores do Doutorado passei a ver a realidade de forma multidimensional e em uma perspectiva dialética. Sem sombra de dúvida, o Professor sucupira articulou um curso que permitiu o vôo de seus alunos. Tenho muito orgulho de ter feito o Doutorado coordenado por ele.

Não poderia deixar de registrar que este grande professor teve a sensibilidade de conhecer, em inúmeras situações, a importância de sua esposa, a querida D. Odete, que garantiu a tranquilidade de seus estudos para que ele se tornasse esta personalidade nacionalmente conhecida. Ele sempre dizia que lá no Recife passava as manhãs estudando

para trabalhar a tarde e a noite e quem cuidava dos nove meninos era D. Odete. O entrosamento do Professor com sua esposa se reflete na união dos filhos, o que pude ver de perto nas comemorações dos 40 e 50 anos de casamento.

Por fim, quero destacar o cidadão Sucupira que, durante muitos anos, presidia as reuniões do meu prédio, tendo sido o responsável pela organização, aprovação e cumprimento da sua Convenção, no final da década de 70. Sempre foi muito respeitado e suas opiniões abalizadas acatadas, de sorte que, até hoje, o prédio desfruta de uma boa organização e saudável convivência entre seus moradores. A sua participação na vida do prédio evidencia que ele não era apenas o Professor, mais um homem ocupado com suas coisas simples do cotidiano. A harmonia que existe no meu local de moradia ainda me leva a sentir mais saudades do Professor Sucupira.



Parecer n.º. 977/1965

Seminário Newton Sucupira

Profa. Dra. Maria Judith Sucupira da Costa Lins⁴

Em primeiro lugar, quero agradecer ao presidente da Academia Brasileira de Educação, presidente do CESGRANRIO, nosso amigo, o Professor Carlos Alberto Serpa de Oliveira pela iniciativa de marcar o aniversário dos 50 anos da instituição da Pós-graduação no Brasil, por meio deste Seminário que traz à reflexão o Parecer 977/65 do CFE elaborado pelo conselheiro Newton Sucupira.

Sem a gratidão não existe nenhuma virtude. Essa frase guia minha vida. Estamos aqui hoje nesse Seminário em um momento no qual expressamos gratidão a Newton Sucupira pela instituição da Pós-Graduação no Brasil. Quero enfatizar, no entanto, que expressei gratidão também a todos vocês por essas palavras que ouvimos desde a manhã sobre esse educador e sua obra, pois sei que são sinceras. As pessoas vieram aqui, cada um dizendo alguma coisa, lembrando um fato, reportando um acontecimento, e eu dentre as apresentações, destaco uma que me chamou especial atenção e que resolvi anexar à minha fala, previamente preparada para este momento tão especial, porque há curiosidades interessantes que nela surgiram.

Quando a professora Sonia Nogueira citou João Cabral de Melo Neto, ressaltando que Newton Sucupira era alagoano, mas que ela havia escolhido um poeta pernambucano, ela não o sabia, mas eu publiquei um artigo sobre filosofia e arte no qual inseri uma entrevista com Newton Sucupira sobre o tema. Esses dois pensadores brasileiros nasceram na mesma semana, em maio de 1920, e aos 18 anos criaram o primeiro Seminário Nacional de Poesia no Brasil sob a orientação do professor Willy Lewin, uma pessoa de mais idade que aqueles jovens. Willy Lewin chegou ao Recife como imigrante e criou um grupo de estudos de filosofia com cerca de quatro ou cinco rapazes, os quais se dedicavam a estudar poesia, eram críticos de poesia, principalmente a inglesa, e eram jovens que faziam da vida uma reflexão filosófica cheia de entusiasmo. É muito interessante essa coincidência porque sem ela o

⁴ Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

saber, trouxe para a homenagem de hoje, uma pessoa que era do convívio e da grande admiração de Newton Sucupira, que o considerava o maior poeta brasileiro porque sabia aliar o cerebral ao emocional, o rigor da palavra ao sentido desta. Isto me lembrou o fato que acabo de ressaltar.

Ao me decidir sobre qual aspecto da Pós-graduação, no que concerne a Newton Sucupira eu iria repousar a minha fala, muitas linhas de pensamento apareciam e diferentes possibilidades se ofereceram. Foi difícil selecionar as ideias e seguir um fio condutor de expressão. Há muitas lembranças, intelectuais e afetivas. Recentemente acabei de escrever um livro sobre a História da Educação no Brasil, a partir de 1955. Por que essa marca do ano de 1955? Este foi o ano em que Anísio Teixeira conheceu Newton Sucupira em Recife em um debate da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Depois desse encontro, os dois educadores passaram a se comunicar com frequência e em 1959 Anísio Teixeira levou Newton Sucupira aos Estados Unidos para uma longa visita às principais universidades, e nunca mais o deixou de lado. No centenário de Anísio Teixeira, entre outras homenagens, houve uma prestada por Newton Sucupira.

O citado livro parte desse encontro em 1955 e se estende até os anos da atuação de Newton Sucupira, quando trabalhava no doutorado em Filosofia da Universidade Gama Filho, já no século XXI. Eu não sabia antecipadamente sobre o que os ilustres palestrantes, que me antecederam, iriam discutir. A minha apresentação aqui traz uma faceta diferente, mais específica, com uma palavra que foi muito repetida pelos palestrantes e que eu havia colocado como primeira, a ética de Newton Sucupira. Destaco assim este homem ético e voltado para seus concidadãos que foi Newton Sucupira. Isto é muito interessante, porque aristotelicamente falando a grande preocupação dele, o tempo todo, foi exatamente a construção do Bem Comum. Todos os que conviveram com ele sabem disso. A ideia do Bem Comum norteou sua vida, independente de questões outras.

Estou muito emocionada, é muito difícil falar sobre Newton Sucupira, o que é compreensível. Estou feliz com esta data, com esta oportunidade, a qual tem um significado importante para a História da Educação Brasileira e também faz parte de minha vida afetiva e intelectual. Resolvi então começar por esse ponto de vista afetivo. Lembro-me perfeitamente dos cuidados extremos aos quais éramos chamados a ter, os nove filhos, numa casa pequena, em nossas atividades diárias, para que Newton Sucupira conseguisse as

condições apropriadas para pensar, pesquisar e escrever o Parecer – essa palavra era contínua em nossos ouvidos infantis - o qual veio a se tornar este documento.

Para se chegar a um Parecer deste porte, nós sabemos, é preciso haver uma longa maturação, uma estruturação, um estudo profundo e de grande concentração, de modo que tinha que haver silêncio a sua volta, e sua mulher Odette controlava as crianças para que ele tivesse as condições adequadas. Isso ela fez porque em onze meses de namoro e noivado, antes de propor casamento, Newton Sucupira lhe disse duas coisas: ‘Vou ter todos os filhos que Deus mandar e vou somente estudar todo o tempo. Você quer?’ E ela quis. Durante a sua vida, e foram 51 anos de casamento, Odette conciliou suas tarefas de esposa e mãe com seu trabalho de professora em dois colégios em Recife. Entende-se porque esse Parecer me traz muitas lembranças, principalmente referentes à colaboração efetiva de Odette Sucupira, que obviamente não aparecem em documentos, mas em diferentes oportunidades Newton Sucupira sempre fez questão de enfatizar o indispensável papel de sua mulher, em todos os momentos de sua vida, tanto pessoal como profissional.

Quanto ao aspecto intelectual, permitam-me falar de algo que, acrescento aos números eloquentes e maravilhosos trazidos pela professora Lígia Elliot, pois tenho outros, não grandiosos, pois são pequenos, mas que pesam. Não somente a minha formação acadêmica mais elevada resulta da Pós-graduação, tendo eu sido a 25ª pessoa no Brasil a defender uma dissertação de Mestrado em Educação e a obter o título de Mestre em Educação em 1972, na PUC-Rio, grávida da segunda filha, como participo do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRJ como professora e pesquisadora, do qual Newton Sucupira foi o primeiro coordenador. Além disso, vale ressaltar que muitos são os filhos e netos que também seguiram esta trilha, encontrando na Pós-Graduação o aperfeiçoamento necessário para seu trabalho na Universidade. Cito apenas a mais recente, a neta Isabela Dale Sucupira que foi aprovada e classificada na seleção para mestrado do Programa em Ciências Biomédicas da UFRJ para a turma de 2016. A Pós-Graduação ocupa um lugar especial não somente no sistema educacional de nosso país como também em nossa família.

O impressionante número de professores e pesquisadores egressos dos cursos de Pós-Graduação em todo o Brasil já foi comentado. Eles mostram a Pós-graduação como a Educação que deu certo no Brasil e que traz enorme contribuição para a qualidade dos professores e pesquisadores. A Educação Brasileira, principalmente no que possa apresentar

quanto à Ética e à Excelência, foi sempre a preocupação deste filósofo alagoano radicado em Pernambuco, estado no qual se dedicou à Universidade Federal, tendo se transferido para Brasília em 1970 e depois para o Rio de Janeiro em 1978, cidade na qual viveu até o fim de sua vida.

Muitas vezes Newton Sucupira explicou às pessoas que preferia realmente ser identificado como Professor, no entanto, ele era inquestionavelmente filósofo e somente um filósofo poderia ter concebido o Parecer 977/65, em seu conteúdo profundo, atemporal e simultaneamente derivado da ideia de quem é o ser humano e voltado para este, além de todos os seus outros textos. Todo o seu empenho em traduzir da melhor maneira possível a formação do professor e do pesquisador nos cursos de Pós-Graduação está expresso no texto do Parecer 977/65. A organização da Pós-Graduação no Brasil não se constituiu em momento algum uma tarefa que visasse a glória pessoal, pois este tipo de honraria Newton Sucupira jamais buscou, mas sim teve como finalidade o bem comum na polis, que é o conceito de felicidade apresentado por Aristóteles. Este foi o telos norteador de seu trabalho.

Como um homem católico, de pensamento filosófico tomista, Newton Sucupira colocou todas as suas capacidades a serviço do outro e a Pós-Graduação surge em sua vida como a maior contribuição que pôde oferecer aos cidadãos brasileiros. A questão da cidadania em Newton Sucupira foi bastante forte, e aproveitou esta oportunidade para partilhar um pouco da história de sua família, conhecida por alguns e que traz esta marca.

Por que o nome Sucupira? Aprendemos na História do Brasil que no ano de 1817 aconteceu o movimento intitulado Insurreição Pernambucana com o objetivo de libertação e que foi liderado por alguns portugueses que desejavam a Independência do Brasil. Eles a proclamaram, lutaram por ela e depois de um ano foram vencidos pelas forças reais, de modo que somente em 1822, cinco anos depois, tivemos a Independência do Brasil, proclamada pelo próprio Imperador D. Pedro I. É interessante observar neste fato histórico que os portugueses nacionalistas abandonaram seus nomes de origem, e com imenso amor à nova Pátria, escolheram para suas famílias as designações de árvores brasileiras. Assim apareceram, subitamente, as famílias Oiticica, Jatobá, Jequitibá, Jacarandá, Sucupira e outras. O bisavô de Newton Sucupira estava entre estes homens corajosos que almejavam construir uma nova nação e selecionou o nome Sucupira para si próprio e sua descendência.

A marca de brasilidade e de serviço ao país estabelecida por estas famílias permanece nestes quase duzentos anos.

Newton Sucupira soube honrar seus antepassados vivendo para os brasileiros independente de circunstâncias alheias à sua vontade. O interesse pela qualidade da formação intelectual dos professores e o desejo de ver a Universidade brasileira elevada a uma categoria realmente superior impulsionaram Newton Sucupira a criar este formato de Pós-Graduação que temos ainda hoje e que resiste ao tempo e às mudanças políticas e sociais.

Finalizo lembrando um pensamento de Santo Agostinho, um filósofo tão amado por Newton Sucupira, que afirmou ser a vida uma passagem do infinito de onde saímos para o infinito aonde vamos e pergunto: E no meio desta passagem, durante esse caminho?

No transcorrer dessa passagem há uma interação constante de cada pessoa com o outro e cada um de nós deixa de sua vida, um pouco de si para os outros. Dentre o muito que Newton Sucupira deixou para o outro, para o Bem Comum, para todos nós, a Pós-Graduação é um de seus maiores presentes.

Muito obrigada.